

O DELÍRIO PARANOICO: NOTAS PSICANALÍTICAS SOBRE O LIVRO “O DUPLO”, DE DOSTOIÉVSKI

RABÊLO^I, Fabiano Chagas
SANTOS^{II}, Gerlane Nanncy Alencar dos

Resumo

Investiga-se a construção do delírio na paranoia a partir do comentário de trechos do livro de Dostoiévski *O duplo*. Nele, a temática do *Doppelgänger*, que é central para o entendimento do sistema delirante do protagonista, surge como uma tentativa de tratamento de conteúdos foracuídos (*verworfen*) que retornam de forma disruptiva. Dessa forma, o delírio se desenvolve como anteparo à uma vivência de aniquilação subjetiva, que irrompe em situações nas quais as dificuldades do protagonista em se inserir nos laços sociais se agudiza. O artigo coteja trechos do livro de Dostoiévski com a análise freudiana da autobiografia de Schreber, apoiando-se para tanto nas considerações de Lacan, Maleval, Rabinovicht, Soler e Quinet sobre a sintaxe do delírio. Valorizam-se os conceitos de compulsão à projeção, secretário do alienado, discurso fechado e interpretação autorreferente para o entendimento das falas, motivações e ações do personagem principal.

1

Palavras-chave: Dostoevski; Psicanálise; Duplo; Paranoia; Delírio.

PARANOID DELUSION: PSYCHOANALYTIC NOTES ON “THE DOUBLE”, BY DOSTOYEVSKY

Abstract

*The construction of delusion in paranoia is investigated from the commentary on fragments of Dostoevsky's book “The Double”. In it, the Doppelgänger, a theme central to the understanding of the protagonist's delusional system, appears as an attempt to treat foreclosed (*verworfen*) contents that return in a disruptive way. Thus, the development of delusion represents as a shield against a radical experience of subjective annihilation, which erupts in situations in which the protagonist's difficulties in inserting himself in social bonds are evident. The article compares excerpts from Dostoevsky's book with the Freudian analysis of Schreber's autobiography, based on Lacan, Maleval, Rabinovicht, Soler and Quinet's considerations on the syntax of delusion. The concepts of compulsion to project, secretary of the alienated, closed discourse and self-referential interpretation are valued for the understanding of the main character's speeches, motivations, and actions.*

Keywords: Dostoevsky; Psychoanalysis; Double; Paranoia, Delusion.

EL DELIRIO PARANOICO: APUNTES PSICOANALÍTICOS ACERCA DEL LIVRO “EL DOBLE”, DE DOSTOIÉVSKI

Resumen

Se investiga la construcción del delirio en la paranoia a partir del comentario de un extracto del libro de Dostoievski, “El doble”. En él, el tema del Doppelgänger, central para comprender el sistema delirante del protagonista, aparece como un intento de tratar los contenidos forcluidos (verworfen) que regresan de forma disruptiva. Así, el delirio se desarrolla como un escudo contra una experiencia radical de aniquilamiento subjetivo, que irrumpe en situaciones agudas de dificultad del protagonista en se insertar en los lazos sociales. El artículo compara recortes del libro de Dostoievski con el análisis freudiano de la autobiografía de Schreber, a partir de las consideraciones de Lacan, Maleval, Rabinovitch, Soler y Quinet sobre la sintaxis del delirio. Se valoran los conceptos de compulsión a proyección, secretario del alienado, discurso cerrado e interpretación autorreferencial para la comprensión de los discursos, motivaciones y acciones de lo protagonista.

Palabras-clave: Dostoievski; Psicoanálisis; Doble; Paranoia, Delirio.

2

INTRODUÇÃO

Realiza-se o comentário do primeiro terço do livro de Dostoiévski (1846/2020) *O duplo* como subsídio para interrogar a dinâmica dos processos narcísicos mobilizados na construção do delírio paranoico. Acompanha-se nessa obra a síntese do delírio do protagonista, que é entendido como uma tentativa de cura de uma experiência de descrença (*Unglauben*) radical (Freud, 1911/1997), que vai se tornando pouco a pouco um sistema autorreferente de ideias e representações, refratário à retificação pela via da argumentação e dotado de um estatuto subjetivo de certeza (Maleval, 1998; Quinet, 2006).

Bezerra (2020) sublinha o ávido interesse intelectual de Dostoiévski por temas como as doenças cerebrais e suas manifestações psíquicas, fato que, segundo o autor, inspirou intensamente a escrita desse livro. Ele vincula ainda o tema do *Doppelgänger* – que se refere às vivências de desdobramento do Eu – aos recorrentes ataques de epilepsia aos quais o escritor russo era acometido. O texto de Dostoiévski agrega ainda uma arguta crítica do contexto social e político da Rússia czarista de meados do século XIX, época na qual a trama do romance está datada.

Pontua-se que o fenômeno do duplo não é só uma questão do interesse da psicopatologia (Zambaldi, 2017) e da clínica psicanalítica (D’Agord, Barbosa, Hasan & Neves, 2013; Freud, 1919/1997d; Rank, 1914/2014). Ele constitui um tema que atravessa toda a

história da literatura, desde a antiguidade clássica até os dias atuais (Santos, 2009). Ademais, a experiência do duplo adquire uma importância particular no fantástico do século XIX, em cuja tradição o livro do escritor russo se insere (Ceserani, 1999).

Do exposto, considera-se que há no fenômeno do duplo um rico território de conexões mútuas entre clínica, psicanálise e literatura (Rabêlo, Martins & Danziato, 2019) que este artigo pretende explorar por meio do comentário do texto de Dostoiévski.

Inicialmente realizam-se algumas pontuações metodológicas sobre a interpretação psicanalítica de um texto ficcional. Para isso, realiza-se uma comparação entre a posição do narrador na trama e a do secretário do alienado, conforme é defendido por Lacan (1955-1956/2002). São apresentados em seguida o enredo e os personagens do livro. Essas informações são cotejadas com contribuições de artigos no campo da psicanálise e da teoria literária que estudam a obra de Dostoiévski. Valoriza-se na discussão a interpretação que Freud (1911/1997a) faz da autobiografia de Schreber e os aportes de Lacan (1957-1958/1998b), Maleval (2006), Quinet (2006), Rabinovicht (2000) e Soler (2008) sobre a estrutura do delírio paranoico. Ao final, destacam-se a atualidade e a pertinência do fenômeno do duplo para o entendimento das tentativas espontâneas de estabilização na clínica psicanalítica com psicóticos.

O LUGAR DO NARRADOR, DO LEITOR E DO PSICANALISTA

O livro de Dostoiévski apresenta o protagonista a partir de seus atos, pensamentos e decisões cotidianos. Apesar de se tratar de um texto de ficção, o narrador, que se mantém anônimo e não interfere nas ações da trama, busca apresentar uma descrição neutra e imparcial dos fatos. Todavia, o seu foco recai ora nos processos subjetivos internos do personagem principal, ora na reação das pessoas ao redor deste. O texto limita-se a revelar o que se passa a cada instante, abstendo-se de acrescentar informações do passado e do futuro que possam corroborar o entendimento dos acontecimentos. Trata-se, portanto, de um narrador não onisciente e não confiável, uma vez que a realidade psíquica do personagem e a realidade factual recorrentemente se confundem, se contradizem e se tensionam. Por isso, recorrentemente o narrador reconhece os sentimentos de estranheza e perplexidade que os desdobramentos da história lhe evocam.

Constata-se, por conseguinte, que esse lugar de indeterminação é o mesmo que o leitor é convidado a ocupar. Cabe a este construir a lógica que norteia as decisões do protagonista, o que não é tarefa simples, haja vista que os diálogos se transformam abruptamente em monólogos interiores e vice-versa (Bezerra, 2020).

Conclui-se então que a construção da trama segue uma lógica que mescla impressões internas e externas segundo as conexões tecidas pelo personagem principal. Entende-se que esse recurso narrativo se presta muito bem à apresentação do processo de construção do delírio paranoico, na medida em que este possui uma lógica autorreferente, que se apropria

das percepções da realidade, cooptando-as e submetendo-as a uma interpretação subjetiva, que se torna gradativamente mais abrangente e sistematizada.

É possível estabelecer algumas analogias entre esse lugar ocupado pelo narrador/leitor no livro de Dostoiévski e aquele do psicanalista na clínica com psicóticos, que Lacan (1955-1956/2002, 1957-1958/1998b) denomina *secretário do alienado*. Trata-se de um termo usado originalmente de forma pejorativa, que Lacan busca dignificar, de modo a destacar que a direção do tratamento da psicose não consiste em adaptar o sujeito a uma realidade supostamente objetiva, concreta e cotidiana, que estaria acessível ao médico, mas perturbada, distorcida e obstacularizada na experiência do psicótico. Ao invés disso, a meta do tratamento é valorizar e potencializar as tentativas de cura espontâneas do sujeito psicótico, a fim de favorecer a construção de um caminho de estabilização, que é inevitavelmente único e singular. Esse processo, como Freud (1914/1997b, 1924/1997f, 1924/1997g) pondera, pode ser descrito como um trabalho de reconstrução do mundo a partir de novas bases após um momento de crise radical, que acarreta uma dissolução profunda e abrangente dos laços afetivos e libidinais. O analista é, portanto, alguém que acompanha e auxilia de forma advertida o psicótico nesse caminho de reconstrução do mundo.

Do exposto, tomando o livro de Dostoiévski como referência, considera-se que a semelhança mais forte entre as posições de analista e narrador está na atitude de testemunho – de recepção sensível às produções singulares do psicótico – que ambos adotam. Por outro lado, talvez seja coerente afirmar que a principal diferença esteja no seguinte ponto: enquanto o narrador se limita a acompanhar os feitos e falas do protagonista, restringindo-se a transmitir ao leitor o que supostamente testemunha; a meta do psicanalista é favorecer um arranjo de estabilização. Para tanto, faz-se necessário interagir e desempenhar uma mediação, sobretudo em situações de crise e de intensa angústia.

Do exposto, antes de adentrar no comentário da história propriamente dita, é pertinente fazer algumas considerações sobre os procedimentos de análise do livro de Dostoiévski e de escrita de um caso clínico. Deve-se ponderar, por se tratar de uma obra de ficção, que o romance não se refere a dados clínicos específicos, nem se propõe apresentá-los de forma sistematizada. Quando muito, ele se apoia em uma coleção de observações, intuições e referências esparsas, que são coligidas e transformadas pelo processo criativo da escrita do autor. Assim, o texto de Dostoiévski se exime de apresentar um desenvolvimento longo e pormenorizado das manifestações patológicas do protagonista.

Todavia, apesar da trama estar centrada na exposição de um período curto da vida do protagonista, de forma semelhante a escrita de um caso clínico, o leitor é levado diretamente aos momentos mais estratégicos e pungentes do desenvolvimento do quadro clínico do personagem principal, quando as ideias delirantes germinais do complexo do duplo surgem e se articulam. Tem-se então que a fascinação com a própria imagem e com a

possibilidade de ser outra pessoa – um outro Eu – despontam como preâmbulo preparatório para construção a partir do meio da trama do delírio de perseguição por um *Doppelgänger*.

Este trabalho busca, portanto, entender as vivências e pensamentos que precedem e preparam a emergência do delírio de perseguição pelo duplo, bem como a função deste na regulação psíquica da paranoia.

A VISITA AO MÉDICO

O narrador, como dito, apresenta as ações e falas do *senhor Golyádkin*, como o protagonista é frequentemente referido, ao mesmo tempo que busca prospectar suas motivações e pensamentos.

As atitudes do protagonista denotam alguém solitário, desconfiado, com sérias dificuldades no trato social e na comunicação. Logo no início é dado ao conhecimento do leitor que ele possui um cargo burocrático menor em uma repartição pública e que a sua condição financeira é modesta, fato que contrasta com um estilo de vida por vezes extravagante e perdulário. Seu principal companheiro de aventuras, o criado Pietruchka, é constantemente maltratado, aparentemente de forma injusta, com acusações de roubo e traição.

O livro começa com a apresentação de um dia comum na vida de *Golyádkin*. Após acordar, o protagonista descreve o sentimento peculiar evocado pela percepção de sua própria imagem especular. Lê-se então:

Correu imediatamente para um pequeno espelho redondo que estava em cima da cômoda. Embora sua figura morrinhenta, acanhada e bastante calva fosse exatamente daquele tipo insignificante que à primeira vista não chamaria a atenção exclusivamente de ninguém, seu dono parecia gozar de plena satisfação com o que acabara de ver (Dostoiévski, 2020, p. 10).

Percebe-se nessa passagem a constatação de uma fascinação narcísica que, embora discrepante com a realidade, sobressai-se na condição de alicerce de uma certeza subjetiva.

Esse sentimento de contentamento consigo mesmo, contudo, não demora a ser abalado. Após dar ordens ao seu criado para que providencie uma carruagem, o senhor Golyádkin percorre a cidade de São Petersburgo de forma errática, fornecendo ao cocheiro informações desencontradas. Seu caminho repercute o seu estado de confusão mental. No caminho, ele é avistado por dois colegas da repartição mais jovens, que o reconhecem, fazem um breve comentário entre si e riem.

Esse acontecimento prosaico desencadeia uma intensa sensação de desorientação e perplexidade no protagonista. Percebe-se que este se coloca como alvo dos risos e do

comentário dos dois jovens. Sem saber o que fazer, ele é tomado pelos seguintes pensamentos:

Faço uma reverência ou não? Respondo ou não? Confesso ou não? (...) ou finjo que não sou eu, mas outra pessoa extremamente parecida comigo, e ajo como nada tivesse acontecido? Isso mesmo, não sou eu, não sou eu e pronto! (Dostoiévski, 2020, p. 16).

Ato contínuo, o senhor Golyádkin se arrepende da decisão de não cumprimentar os colegas. Sente-se um imbecil por não conseguir agir com naturalidade em uma situação tão banal e corriqueira. Deve-se reconhecer, todavia, que nesse momento um pensamento que produzirá reverberações futuras importantes se insinuou: a possibilidade de ser um outro que não o seu próprio Eu.

Acredita-se que esse episódio pode ser tomado como equivalente a uma ideia germinal de um sistema delirante em vias de articulação, tal qual se verifica no pensamento de Schreber que antecede a sua convicção de estar sendo emasculado por raios divinos: “como seria uma coisa bela ser uma mulher sendo copulada”¹ (Freud, 1911/1997a, p. 142; Lacan, 1955-1956/2002, p. 76).

É possível, contudo, demarcar uma diferença nos dois casos: enquanto em Schreber o tema do seu delírio encontra guarida nas sensações corporais voluptuosas, que são interpretadas como evidências da transformação em curso de sua identidade sexual; na história de Dostoiévski, há uma pregnância na relação do protagonista com a sua própria imagem corporal, que serve de apoio para a construção do delírio.

Para Freud o Eu é uma instância que não é inata. Ele surge de uma ação psíquica que pressupõe a inserção do sujeito na linguagem e o engajamento em relações de troca afetivas com outras pessoas, geralmente os pais e cuidadores, que são tomados por semelhantes (Freud, 1914/1997b; 1923/1997e). É a mediação que esses outros exercem que possibilita ao sujeito introjetar a imagem de seu próprio corpo como uma primeira matriz do Eu (Freud, 1923/1997e).

Deve-se assinalar que tal imagem é inicialmente percebida como um elemento exterior, independente, estranho e desconexo. O reconhecimento de si nessa projeção externa dos contornos do próprio corpo pode ser então descrito como uma forma de alienação que desencadeia avanços significativos na praxia motora, na linguagem e nas relações sociais (Lacan, 1949/1998a; Wallon, 1995).

Freud (1914/1997b) assinala que esse processo de constituição narcísica pode sofrer acidentes, que, por sua vez, levam a desdobramentos diferenciados no desenvolvimento psíquico. Propõe daí a distinção de dois grandes grupos: o das neuroses de transferência, nas quais o narcisismo está estabelecido, o que leva à predisposição ao estabelecimento de

¹ No original: (...)“dass es doch eigentlich recht schön sein müsse, ein Weib zu sein, das dem Beischlaf unterliegt”.

vínculos transferenciais; e o das neuroses narcísicas, caracterizadas pela presença de alguma forma de patologia do Eu. Enquanto no primeiro grupo se enquadram a histeria, a neurose obsessiva e a fobia; no segundo estão a esquizofrenia, a paranoia e a melancolia. Em se tratando deste último grupo, constata-se a existência de um Eu fragmentado na esquizofrenia, um Eu inflado na paranoia e um Eu empobrecido e ferido, cuja libido se esvai, na melancolia. Há, por sua vez, para cada um desses tipos clínicos um fenômeno típico associado, respectivamente: as vozes alucinadas, os delírios de grandeza e erotômanos e os delírios de ruína.

É de peculiar interesse para o comentário do livro de Dostoiévski a existência de uma forma clínica mista da esquizofrenia e da paranoia, na qual os efeitos das vivências de fragmentação corporal e das alucinações auditivas são amenizados pelo desenvolvimento de uma interpretação delirante. Trata-se da esquizofrenia paranoide, quadro que orienta a interpretação que Freud (1911/1997a) faz da autobiografia de Schreber.

Pode-se dizer daí que, nessa situação específica, o delírio cumpre uma função de suplência ao Eu, na medida em que favorece a organização de tendências autoeróticas hipocondríacas, de modo que essas possam se apresentar de uma forma mais tolerável, menos ansiogênicas e disruptivas.

O desconcerto de Golyádkin diante do encontro inesperado com os seus colegas de repartição e o descontentamento com a sua reação o faz instruir mais uma vez o cocheiro a mudar de rota. Decide então fazer uma visita ao seu médico, Crestian Ivánovitch, que, mesmo a contragosto, concorda em recebê-lo. A ele o protagonista confessa outros elementos do seu complexo delirante. Diz: “Não ajo às escondidas, mas às claras, sem artimanhas, e embora, de minha parte, eu pudesse prejudicar, e até sei a quem e como fazê-lo (...), não quero me sujar e neste sentido lavo as mãos” (Dostoiévski, 2020, p. 24).

Mais adiante, complementa: “Só lhe pergunto uma coisa (...): como o senhor se vingaria de seu inimigo, do seu inimigo figadal, daquele que o senhor assim viesse a considerar?” (p. 25). Arremata: “Eu tenho inimigos (...), inimigos cruéis, que juraram me arruinar” (p. 26).

Essas frases demonstram algumas características da organização paranoica. Elas corroboram a tese que Freud (1911/1997a) toma emprestado da psicopatologia clássica: “o paranoico ama o seu delírio como a si mesmo”. Infere-se daí que, nesse subtipo clínico da psicose, a sintaxe do delírio é correlata à organização do Eu. Segundo Soler (2007), trata-se de um Eu magnificado, para onde se destinam todas as mensagens e intenções oriundas de uma instância alteritária degradada de seu poder de mediação simbólico e reduzida a uma valência imaginária. Por isso, a posição de inocente que o paranoico assume, que a autora contrasta com a certeza de culpa do melancólico. Na paranoia, o gozo é projetado no campo do outro, sendo que o sujeito é tomado por alvo de suas investidas, como aconteceu no episódio do encontro com os colegas de repartição.

O discurso do protagonista prossegue, indicando que o referido inimigo pode ser tanto o funcionário da farmácia que fornece os medicamentos receitados pelo médico,

como uma pessoa do círculo de relações comum a Golyádkin e Ivánovitch, alguém chamado Vladímir Semeónovicht. Este, tudo indica, é um jovem que progrediu na hierarquia da repartição onde Golyádkin trabalha e que recentemente tornou público os planos de se casar. No entanto, assim como itinerário da carruagem, logo o rumo da conversa toma outra direção. O inimigo é uma mulher que planeja “matar moralmente um homem” (p. 30), uma “alemã torpe, vil, (...) desavergonhada, chamada Carolina Ivánovna” (Dostoiévski, 2020, p. 31).

Essas afirmações indicam os efeitos da compulsão à projeção, mecanismo que Freud (Freud, 1911/1997a) designa como os mais característicos da organização paranoica. Ele consiste em atribuir ao outro um conteúdo ou processo interno que não é reconhecido como de origem intrapsíquica, que retorna do exterior na forma de uma intenção alheia direcionada ao sujeito. Tal intenção pode ser de natureza erotomaníaca, sexual, ou persecutória, agressiva. Os delírios de Golyádkin e Schreber parecem agregar essas duas dimensões.

Percebe-se que no romance de Dostoiévski o protagonista não reconhece as suas moções agressivas, a sua inveja, bem como as suas frustrações sexuais, profissionais e sociais. Tais conteúdos são então foracluídos (*verworfen*), isto é: são radicalmente expulsos, não são simbolizados e tornam-se dissociados de sua origem intrapsíquica (LACAN, 1955-56/2002). Na ausência de uma afirmação primordial (*Bejahung*) capaz inscrever tais conteúdos no inconsciente, eles irrompem no Real como um processo exterior, estranho e hostil (Rabinovicht, 2000; Maleval, 1998). Diante da irrupção enigmática e ansiogênica desse conteúdo, a interpretação delirante busca secundariamente tecer um arranjo simbólico interpretativo, a fim de tornar tal vivência disruptiva mais suportável (Soler, 2008).

Assim, as tendências e conteúdos citados são atribuídos ao outro, conforme a sintaxe deslindada por Freud (1911/1997a) no terceiro capítulo do comentário da autobiografia de Schreber: não sou eu quem o odeia, ele que me odeia. Em seguida, essa frase é apassivada e generalizada para outras situações desconectadas da vivência que a gerou. Surge daí uma certeza autoreferente que constitui o cerne do delírio do protagonista do livro: eu sou odiado por alguém que me persegue e trama coisas terríveis contra mim.

Percebe-se que nesse momento da história, tais tendências agressivas e persecutórias ainda se encontram em estado flutuante, como uma expectativa de angústia genérica. No caso de Schreber, constata-se claramente que o seu médico, Flechsig, ocupa o lugar privilegiado desse outro perseguidor, a quem o sujeito se endereça na construção de seu delírio (Freud, 1911/1997a; Lacan, 1957-1958/1998b; Rabêlo, 2014, Schreber, 1905/1984). Percebe-se que, no caso de Golyádkin, a figura do duplo como um outro Eu vem ocupar uma posição análoga. No entanto, neste caso, é possível inferir um lugar diferenciado que o médico Ivánovitch ocupa no delírio do protagonista.

No diálogo em curso, as respostas evasivas e desconcertadas do médico são interrompidas pela réplica de Golyádkin, que extrai da fala de Ivánovitch um sentido próprio. Assim, as frases inseguras, evasivas e incompletas do médico tais como “Confesso que de

minha parte...”, “Não, o senhor não entendeu direito. De minha parte eu quis....” evocam no protagonista uma certeza subjetiva: “compreendo ...”, “sei o que o senhor quer dizer...”, “agora eu lhe compreendo perfeitamente”. (Dostoiévski, 2020, p. 31)

Verifica-se a partir da leitura do trecho desta peculiar conversa a posição discursiva do protagonista. Seu discurso é marcado por um automatismo mental, por meio do qual significantes imbuídos de significação acoçam o sujeito como uma referência ao seu próprio ser (Lacan, 1955-56/2002). Percebe-se que sua fala é interrompida justamente no ponto de enunciação de uma palavra que poderia exercer o papel de pivô de uma articulação simbólica. Tal palavra, no entanto, apresenta-se como uma alusão suprimida e ininteligível para o interlocutor. Esse corte no fluxo discursivo, por sua vez, não elide por completo o conteúdo atingido, que retorna no real como um ponto de certeza delirante, como uma significação desarticulada da teia simbólica inconsciente a qual poderia estar associado, mas dotado de um forte investimento libidinal.

O médico, impotente e sem saber o que fazer, opta por dar conselhos generalistas e triviais: o que você precisa é sair de casa, interagir socialmente, conhecer pessoas, beber álcool, evitar a solidão etc.

Deve-se considerar que os problemas de interação social na psicose não são um fato acidental ou uma causa eficiente primária que se encontram na origem dos sofrimentos psíquicos. Trata-se antes de um fato estrutural que deriva da impossibilidade de transitar nos laços discursivos já instituídos da mesma forma como faz o neurótico (Quinet, 2006). Assim, a inclusão social do psicótico não pode ser prescrita como um procedimento padrão. Nesse caso, o laço social deve ser inventado ou recriado a partir de novas bases que não aquelas já socialmente instituídas. É o que faz Schreber com a defesa jurídica de seu sistema delirante. Por meio de uma petição pública ele atesta a aptidão ao convívio social e solicita, com sucesso, a sua desinstitucionalização e o retorna para casa.

Ao deixar a casa do médico, Golyádkin percebe que está sendo observado por Crestian Ivánovitch pela Janela de seu prédio. Em seguida, diz para si mesmo: pode até tratar bem seus clientes, mas é um idiota, uma topeira, um pateta.

À luz do conceito de secretário do alienado, é pertinente destacar a posição privilegiada que o médico ocupa no campo de relações do protagonista. Em se tratando de uma eventual mediação para o delírio de Golyádkin, diferentemente de outros personagens secundários da história, essa aparente desqualificação de Crestian Ivánovitch, antes de um empecilho, pode ser considerada uma potencialidade a ser explorada. Ao contrário do que ocorre no neurótico, onde se constata uma suposição de saber na transferência que exerce a função de motor do tratamento, na paranoia há uma certeza subjetiva e uma tendência a projeção. Daí a importância para quem o escuta de modular uma posição de testemunho esvaziada de saber e de autoridade. De outro modo, incorre-se o risco de ser incluso no rol das figuras perseguidoras na tessitura do sistema delirante do sujeito (Lacan, 1955-56/2002).

Se foi dada tanta atenção ao diálogo – por assim dizer, ainda que essa palavra seja inapropriada para a situação – entre Golyádkin e o seu médico é porque ele constitui uma

espécie de sumário dos pontos de alicerce que preparam e antecipam a eclosão do delírio de perseguição por um *Doppelgänger*.

O DELÍRIO E O SENTIMENTO DE ANIQUILAÇÃO SUBJETIVA

Ao ao deixar a casa de Crestian Ivánovitch, o protagonista, realiza um périplo em várias lojas nas quais efetua compras desnecessárias. Em seguida, reencontra os colegas de repartição, com os quais, dessa vez, trava um diálogo, que logo assume um aspecto tenso. Percebe-se que o protagonista procura emular na conversa com os jovens um tom de intimidade, que logo manifesta o seu caráter estranho, disparatado e artificial. Irritado diante dos risos dos colegas, retruca citando um dito popular russo: “Dizem ainda, senhores, que a própria ave voa à procura do caçado. É verdade, eu estou propenso a aceitar: mas quem aqui é o caçador e quem é ave? (...)” (Dostoiévski, 2020, p. 38).

É interessante destacar essa passagem, pois ela apresenta um uso estereotipado de uma frase que, apesar de dotada de uma interpretação supostamente amplamente difundido e socialmente referendada, possui uma significação própria para o protagonista. Freud (1915/1997c) alerta para o fato de que o esquizofrênico trata as palavras como coisas e as coisas como palavras. Decorre daí uma dificuldade de acessar uma significação metafórica compartilhada de expressões desse tipo. Pode-se conjecturar inclusive que essa referência à ave e ao caçador, quando tomada ao pé da letra, em seu sentido literal, possa ter corroborado a construção do delírio de perseguição por um duplo. Entende-se que os termos do dito podem ser cambiados, invertendo as posições de perseguidor e perseguido. Assim, no desenvolvimento posterior da sintaxe do delírio, o próprio Eu do sujeito pode se apresentar simultaneamente nos dois lugares da equação.

Golyádkin decide então seguir viagem. Orienta o cocheiro a seguir em direção à ponte Izmáilovski. Perto dessa localidade, pede para que a carruagem pare em uma casa. Trata-se da residência de Olsufi Ivánovitch, um antigo protetor que havia lhe indicado para exercer o cargo de escrivão logo após a sua chegada na cidade. É dado ao conhecimento do leitor que Golyádkin é proveniente de um vilarejo do interior e que se mudara para São Petersburgo há alguns anos.

Ao chegar, o protagonista acena para uma mulher na janela, que não retribui o gesto:

Ao notar uma figura de mulher à janela do segundo andar, o senhor Golyádkin lhe jogou um beijo com a mão. Aliás, ele mesmo não sabia o que estava fazendo, porque decididamente não estava nem vivo, nem morto naquele momento (Dostoiévski, 2020, pp. 39-40).

É lícito reconhecer nesse momento a manifestação de um automatismo mental, provavelmente de natureza erotomaníaca, relacionada a uma mulher que habita esta residência, a saber: a filha de Olsufi Ivánovitch.

Mesmo alertado pelo mordomo de que a sua visita não era esperada, o protagonista insiste em ser recebido, reiterando ter sido convidado pessoalmente para o jantar. Forçando a entrada, aproveitando-se da chegada de outros convidados - coincidentemente o chefe da seção onde trabalha, Andriêi Filíppovitch, e seu sobrinho, Vladímir Semeónovitch -, Golyádkin consegue ser recepcionado por Olsufi Ivánovitch. No entanto, não consegue tratar com o anfitrião o assunto aparentemente urgente que motivara a visita. A reação dos outros convidados, que não disfarçam a perplexidade e o desconforto por encontrar o protagonista na casa de Olsufi Ivánovitch, o impede de se dirigir ao outrora benfeitor.

É pertinente nesse ponto destacar que Vladímir Semeónovitch, o sobrinho do chefe da seção que acompanha o tio na visita à casa de Olsufi Ivánovitch, havia sido mencionado por Golyádkin na conversa com o seu médico como um dos perseguidores que trama contra a sua honra. O anúncio da intenção de casamento desse jovem é interpretado pelo protagonista como uma ameaça pessoal. Cabe acrescentar que Vladímir é pretendente de Clara, a filha de Ivánovitch, com quem Golyádkin também nutre esperanças românticas. Logo, trata-se de um rival alçado a posição de perseguidor por meio da projeção de sentimentos de ódio e agressão que, posteriormente, são redirecionados contra a sua própria pessoa, desta vez como uma intenção exterior.

11

Pode-se ainda tomar Olsufi Ivánovitch como o substituto de uma figura paterna. No entanto, é necessário considerar que esse figura paterna vicária não ocupa o lugar do pai como função psíquica de articulação desejante. Deve-se levar em consideração que o mecanismo de forclusão atinge um significante pivô da cadeia inconsciente, impedindo que esse exerça o seu papel de ordenação simbólica do desejo. Trata-se do significante que vem substituir a significação enigmática do desejo materno no processo de constituição psíquica, o que possibilita ao sujeito se descolar da posição de falo materno e doravante articular a questão do desejo com os seus próprios termos (Lacan, 1957-1958/1998b). Na falta dessa operação metafórica de substituição, cujo operador é o significante do nome do pai, cabe ao sujeito psicótico a construção de uma forma de suplementação ao significante nome-do-pai que exerça uma função de regulação análoga à metáfora paterna, ainda que no contexto de um outro modo de organização psíquica.

Assim, de forma atrapalhada e afobada, Golyádkin se adianta em enunciar a razão da visita. Trata-se, afirma, de um assunto de ordem privada e pessoal, que não possui caráter oficial, isto é, nenhuma relação com o exercício do seu ofício na repartição. Entre falas entrecortadas e interrompidas, ele ainda enuncia algo relacionado a uma “meninota atrevida” (Dostoiévski, 2020, p. 42), o que deixa os interlocutores ainda mais confusos e desconcertados.

Tomado de pânico, o protagonista parte em retirada:

(...) começou a descer as escadas a passos miúdos, apressados e trôpegos. Sentia um quê de enfraquecimento e torpor. Estava num grau tão forte de perturbação que, chegando ao alpendre, sequer esperou a carruagem e foi direto para ela, atravessando o pátio enlameado. Chegando à carruagem e preparando-se para subir, o senhor Golyádkin desejou mentalmente meter-se debaixo do chão ou esconder-se com a carruagem até num buraco de ratos. Parecia-lhe que tudo o que havia na casa de Olsufi Ivánovitch o observava agora de todas as janelas. Sabia que morreria ali mesmo se olhasse para trás (Dostoiévski, 2020, p. 42-43).

Cabe nesse ponto traçar um breve panorama acerca do estatuto do olhar na paranoia. Não há nesse subtipo clínico da psicose, tal como ocorre na neurose, a cisão entre as dimensões do olhar e da visão. Decorre daí que a alternância entre ver e ser visto pode ser substituída pela irrupção de um olhar massivo advindo do campo do outro: um olhar no registro do Real que toma o sujeito como alvo, objetificando-o. Tal experiência pode ser extremamente ansiogênica e precipitadora de crises. Por isso, a importância do olhar e da pulsão escópica na gênese do delírio paranoico (Quinet, 2002; Lacan 1964/1998c).

Essa experiência de ser objeto do olhar do outro logo será reeditada em um novo acontecimento, desta vez de modo mais intensificado, o que precipitará o protagonista no delírio de perseguição por seu duplo.

Após se restabelecer desse primeiro encontro infeliz, Golyádkin comparece mais uma vez, novamente sem ser convidado, na residência de seu antigo protetor. Desta vez, por ocasião da festa de debutante de Clara, na qual se esperava a presença dos candidatos a pretendentes da moça. Ora forçando a entrada, ora se desviando dos empregados, o protagonista obtém acesso à festa. Contudo, de modo inexplicável até para ele próprio, permanece escondido por mais duas horas atrás de um biombo, limitando-se a observar o movimento dos convidados.

É necessário avaliar tal atitude como motivada por um sentimento outro diferente da vergonha. Ou, pelo menos, diferente de uma modulação neurótica da vergonha. Sabe-se que a vergonha neurótica resulta da intervenção do Supereu. Tal instância psíquica exerce a função de observação crítica do Eu, exigindo que este haja conforme o modelo dos ideais edípicos e sociais internalizados. No entanto, o Supereu também não tolera que o Eu abdique de suas pretensões de satisfação pulsional. O papel de representante moral internalizado desempenhado pelo Supereu constitui, portanto, uma mediação crítica destemperada e voraz, que não leva em consideração os limites da constituição psíquica de cada sujeito, nem as contingências da realidade. Da tensão entre o Eu e o Supereu advém a vergonha, a culpa, a angústia moral e o rebaixamento da autoestima (Freud, 1923/1997e).

O que acontece com o personagem de Dostoiévski é algo de outro ordem. Essa instância moral, que surge na neurose apenas no final da primeira infância com o desmoronamento do complexo de Édipo, não está constituída nas psicoses. Tem-se então que a vergonha como um conflito interno de natureza supergoica não se ajusta a uma

descrição adequada da experiência de Golyádkin. O comportamento errático e desconcertado do protagonista pode então ser considerado como motivado em parte pela influência de seus automatismos mentais, em parte pela ansiedade aguda despertada pelos olhares dos convidados. Por isso a alternância entre momentos de extrema audácia e autoconfiança, de um lado, e de intensa retração, com atitudes erráticas e vacilantes, de outro.

Ness ponto da trama, em um aparente solilóquio, o protagonista afirma: “és um pateta, um tremendo *Golyádka* – assim é o teu sobrenome!...” (Dostoiévski, 2020, p. 53, grifo nosso). A esse respeito, escreve o tradutor: “O sobrenome Golyádkin deriva de golyadá, golyadka, que significa pobre, indigente, mendigo, miserável etc.” (p. 53).

Essa nota, quando cotejadas com outras passagens do livro, fornece para que se conjecture alguns elementos que movimentam as ações de Golyádkin. Pode-se dizer que é provável a presença de um delírio de magnitude, por meio do qual ele nutre a esperança de obter riqueza e reconhecimento por meio de uma associação familiar com o seu antigo protetor, que é um homem rico, de posses e prestígio. O seu patronímico vem demonstrar a ausência de ponto uma sustentação simbólica, que Golyádkin busca compensar com a expectativa de contrair matrimônio com Clara.

Após um período ruminando pensamentos e frases desconexas, eis que, de chofre, Golyádkin abandona o esconderijo onde se protegia dos olhares e se dirige ao salão em direção a Clara, fazendo menção de tirá-la para dançar. No entanto, no instante em que pega na mão de Clara, o protagonista paralisa, congela e, após um intervalo de suspense, é repellido pela moça, que solta um grito. Golyádkin então balbucia algo desconexo e parte em retirada. Na fuga, tropeça em vários convidados, chuta a canela de outros, inclusive a do anfitrião, o seu antigo protetor, que é paralítico, pisa na aba da saia de várias senhoras, até que consegue provisoriamente se afastar da atenção que involuntariamente atraíra para si, sobretudo a dos serviçais da casa, que buscavam uma forma de expulsá-lo com discrição, o que logo se concretizaria, talvez não com a descrição pretendida. Assim:

Nosso herói sentiu que a mão de alguém caíra de súbito sobre seu braço, que outra mão caíra levemente em suas costas, que o encaminhavam com uma preocupação especial em alguma direção. Por fim percebeu que caminhava direto para a porta. O senhor Golyádkin quis dizer alguma coisa, fazer alguma coisa... Mas já não queria nada, limitava-se a responder maquinalmente com um sorriso. (...) Finalmente tropeçou, pareceu-lhe que estava caindo em um abismo; quis gritar e – de repente, viu-se no pátio. (...) Súbito o senhor Golyádkin lembrou-se de tudo; todas as forças que haviam faltado pareciam voltar. Arrancou de onde até então estivera como que chumbado e precipitou-se para fora dali, para algum lugar ao ar livre, sem rumo...” (Dostoiévski, 2020, p. 62).

O narrador apresenta esse episódio como uma experiência de aniquilação subjetiva: “O senhor Golyádkin estava aniquilado – aniquilado de todo, no pleno sentido da palavra”

(Dostoiévski, 2020, p. 63). Ao vagar pela cidade, na neve, de noite, tremendo de frio, molhado, um pensamento ocorre ao protagonista, que ele: “nesse instante tinha o ar de que parecia querer esconder-se de si em algum lugar, de quem parecia tentar fugir de si mesmo para algum lugar. Sim! Era realmente o que acontecia. Diremos mais: nesse momento o senhor Golyádkin não só queria sumir dele mesmo, mas deixar-se destruir completamente, não ser, virar pó” (Dostoiévski, 2020, p. 66-67).

Nesse momento, ocorre a primeira aparição do duplo. A narrativa, doravante, deixa em suspenso a existência concreta desse segundo Golyádkin, dando azo para a suposição de que se trata de uma interpretação delirante tecida pelo próprio protagonista. Assim, o fatídico encontro é precedido por sentimentos de estranhamento, pela certeza premonitória de que algo está prestes a acontecer, por sensações de calafrio e tremor e pela percepção de uma presença enigmática, invisível e inefável. O encontro fortuito com um transeunte qualquer em uma ponte se transforma na convicção subjetiva de estar sendo perseguido por um *Doppelgänger*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ENCONTRO COM O DUPLO

O romance de Dostoiévski fornece a oportunidade de analisar a conjuntura psíquica que produziu a emergência do delírio do duplo e que favoreceu o seu desenvolvimento. Este artigo se restringiu a análise das condições de emergência.

Dessa forma, a análise do primeiro terço do livro permite estabelecer a leitura de que o delírio de perseguição pelo duplo vem substituir o sentimento de aniquilação que resultou do abalo de um delírio de grandeza e perseguição preexistente. Isto é, a consagração do vínculo familiar com o seu outrora protetor por meio do matrimônio com a sua filha Clara é abalada pelo interesse da moça por um rapaz mais jovem, rico e atraente. Tal constatação desperta sentimentos hostis em Golyádkin, que são, por sua vez, projetados para diferentes pessoas de seu círculo social próximo. Tais pessoas, uma vez dotadas de intenções malévolas, são alçadas ao lugar de perseguidores. Paralelamente, o protagonista mantém a convicção de ter seu amor correspondido por sua pretendente. Todo esse tecido interpretativo delirante é abalado pela experiência de aniquilação subjetiva que Golyádkin vivencia nas duas visitas que realiza à casa de Olsufi Ivánovitch.

No entanto, é importante reconhecer que apenas essa experiência de crise não é suficiente para a consolidação do novo delírio do duplo. É necessário que um arranjo narcísico seja produzido a partir de ideias, frases e fragmentos de conversas que precederam o encontro com o duplo na ponte, após a festa de debutante de Clara, da qual Golyádkin fora expulso. Assim, o fascínio diante da própria imagem no espelho; o pensamento de querer ser outra pessoa em um encontro indesejável (sem, no entanto, conseguir fingir isso), o câmbio das variáveis de uma expressão linguística (a ave que procura o caçador), a

vontade de fugir de si mesmo são elementos que alicerçam o novo delírio de perseguição a partir do complexo do duplo.

Acredita-se que alguns elementos do romance corroboram a discussão psicanalítica sobre a dinâmica psíquica da psicose. Assim, a ideia de uma insuficiência na inscrição simbólica do nome do pai pode ser conjecturada a partir do comentário da nota do tradutor, que a ponta a aproximação de Golyádkin com palavras russas que designam pessoas desvalidas, miseráveis e indigentes.

Outro ponto digno de nota é a condição de fora do laço social, que expulsão da festa representa. Assim, a errância do protagonista é interrompida pela emergência de um novo delírio que, embora ansiogênico, deve ser considerado uma tentativa de estabilização e pacificação de uma crise subjetiva intensa e radical.

Aqui cabe uma comparação com o Schreber. Percebe-se no caso de Golyádkin uma carência de mediações simbólicas, o acarreta o agravamento de seu sofrimento psíquico. Faltou-lhe um elo que pacificasse a ameaça de erradicação subjetiva, tal como acontece com o Schreber no plano de salvação da humanidade, que se daria, no seu relato, pela geração de uma nova raça de homens. Com isso, enquanto o trabalho de Schreber franqueia a desinstitucionalização e o retorno ao convívio familiar, o percurso de Golyádkin segue o caminho contrário: a destituição dos laços existentes e o internamento hospitalar.

Deve-se ponderar, contudo, o caráter frágil dessa comparação, uma vez que compara um relato real com uma narrativa ficcional; o recorte de dias na vida de um personagem com descrição autobiográfica de processos que duraram décadas. De toda forma, o romance nos dá a oportunidade de vislumbrar a importância do delírio e do complexo do duplo na cura e no manejo transferencial de sujeitos paranoicos. Espera-se desenvolver essa questão por meio do comentário do desenvolvimento do delírio do duplo no livro de Dostoiévski e comparação deste com as obras cinematográficas que ele inspirou.

15

REFERÊNCIAS

Ceserani, R. (1999). *Lo fantástico*. Visor.

D'Agord, M. R. de L., Barbosa, M. R. de O., Hasan, R., & Neves, R. C. (2013). O duplo como fenômeno psíquico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(3), 475-488. <https://doi.org/10.1590/s1415-47142013000300012>

Dostoiévski, F. (2020). *O duplo*. Ed. 34. (Original publicado em 1846).

Freud, S. (1997a). Psychanalytische Bemerkungen über einen Autobiographisch Beschriebenen Fall von Paranoia. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. VII, pp. 133-204). S. Fischer. (Original publicado em 1911).

Rabêlo, C. G., & Santos, G. N. A. (2022). O delírio paranoico: notas psicanalíticas sobre o livro "O duplo", de Dostoiévski. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 1, e022015.

Freud, S. (1997b). Zur Einführung des Narzissmus. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 37-68). S. Fischer. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (1997c). Das Unbewusste. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 119-174). S. Fischer. (Original publicado em 1915).

Freud, S. (1997d). Das Unheimliche. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. IV, pp. 241-274). S. Fischer. (Original publicado em 1919).

Freud, S. (1997e). Das Ich und das Es. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 273-330). S. Fischer. (Original publicado em 1923).

Freud, S. (1997f). Neurose und Psychose. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 331-338). S. Fischer. (Original publicado em 1924).

Freud, S. (1997g). Der Realitätverlust bei Neurose und Psychose. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 355-362). S. Fischer. (Original publicado em 1924).

16

Lacan, J. (1998a). O estágio do espelho como formador da função do Eu. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Jorge Zahar. (Original publicado em 1949).

Lacan, J. (1998b). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 537-590). Jorge Zahar. (Original publicado em 1957-1958).

Lacan, J. (1998c). *O seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Jorge Zahar.

Lacan, J. (2002). *O seminário - livro 3: as psicoses* (1955-1956). Jorge Zahar.

Maleval, J.-C. (1998). *Lógica del delirio*. Ed. del Serbal.

Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Jorge Zahar.

Quinet, A. (2006). *Psicose e Laço Social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Jorge Zahar.

Rabêlo, F. C. (2014). O nome de Flechsig e os patronímicos no delírio de Schreber. *Revista Subjetividades*, 14(3), 499–509.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000300013&lng=pt&nrm=iso.

Rabêlo, C. G., & Santos, G. N. A. (2022). O delírio paranoico: notas psicanalíticas sobre o livro "O duplo", de Dostoiévski. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 1, e022015.

Rabêlo, F. C., Martins, K. P. H., & Danziato, L. J. B. (2019). Fantástico e psicanálise: relações históricas e discursivas. *Acta Scientiarum: linguagem e cultura*, 41(1), 43128. <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43128>.

Rank, O. (2014). *O duplo*. Dublinense. (Original publicado em 1914).

Santos, A. dos. (2009). Um périplo pelo território duplo. *Revista Investigações*, 22(1), 51–101. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1362>.

Schreber, D. P. (1984). *Memórias de um doente dos Nervos*. Graal. (Original publicado em 1905).

Soler, C. (2007). *O Inconsciente a céu aberto da psicose*. Jorge Zahar.

Rabinovicht, S. (2000). *Foraclusão: presos do lado de fora*. Jorge Zahar.

Wallon, H. (1995). O corpo próprio e sua imagem esteroceptiva. In H. Wallon, *As origens do caráter na criança* (pp. 202-219). Nova Alexandria.

17

Zambaldi, C. F. (2017). Psicopatologia em O duplo de Dostoiévski. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20(3), 595-604. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n3p595-12>

Recebido em: 09/11/2022

Reapresentado em: 14/02/2023

Aprovado em: 14/02/2023

^I Psicanalista, Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise e Clínica Ampliada, E-mail: fabrabelo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5026-8396>

^{II} Graduanda em psicologia pela UFDPar – Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). Monitora do projeto de extensão: O duplo: um diálogo entre literatura, cinema e psicanálise. E-mail: gerlanenanncy@ufpi.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4672-8975>